

ASSIMILAÇÃO E ESPRAIAMENTO NASAIS: DELIMITAÇÃO E CONFRONTO DE PROCESSOS

Paula Pinheiro COSTA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Este artigo objetiva analisar o fenômeno da nasalização fonética em português, considerando, para tanto, não apenas a assimilação por uma nasal contígua (como nas tônicas de ‘mama’, ‘mana’ e ‘manha’), mas, sobretudo o espraçamento por uma soante em sílaba não adjacente (como em ‘mortandela’ e ‘indentidade’. A abordagem parte do trabalho de Abaurre & Pagotto (2002), com o objetivo de verificar se os condicionamentos da assimilação e do espraçamento são os mesmos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Fonologia, nasalização, traços.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a analisar o fenômeno da nasalidade no Português do Brasil (doravante PB), especialmente os casos em que não há adjacência entre o gatilho e o alvo da nasalização. Observemos os exemplos abaixo:

- (1) <banana> - [ba'nãɲ]
- (2) <mortadela> - [mohtã'delɲ]

Enquanto em (1), a nasalidade de [nã] é dada pela adjacência do fone [ɲ], em um processo de assimilação, em (2), não há adjacência, e, por isso, consideramos que há um processo de espalhamento do traço nasal de [m] para [a]. Silva (2015: 64) define assimilação como “fenômeno fonológico em que um determinado som compartilha propriedades de um som adjacente”, o que ocorre no exemplo acima. A mesma autora define espalhamento como o fenômeno fonológico de “propagação” de um traço “em direção a domínios adjacentes ou vizinhos” (SILVA, 2015: 102).

Assumimos neste trabalho que os dois casos são essencialmente distintos. Para validar essa assunção, nossa hipótese é de que os fatores que motivam um processo não atuam no outro. Abaurre & Pagotto (2002) propõem alguns fatores (tanto linguísticos quanto extralinguísticos) para a nasalidade por assimilação. Dedicaremos-nos a mapear cada um desses fatores e aplicá-los aos dados que envolvem espalhamento, a fim de testar nossa hipótese.

O *corpus* que será utilizado foi levantado no primeiro semestre de 2016. Os falantes foram selecionados dentro da comunidade de fala dos trabalhadores terceirizados de limpeza da Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Este texto está organizado como segue: na próxima seção, trataremos sobre a diferença entre nasalidade fonológica e nasalidade fonética, segundo Câmara Jr. (1970), apontando as análises e considerações do autor sobre essa distinção. Em seguida, nos dedicaremos à análise da nasalidade fonética em particular, utilizando o trabalho de Abaurre e Pagotto (2002) para embasar nossas considerações. Na seção quatro, apresentaremos nosso *corpus* de espalhamento do traço nasal e aplicaremos os fatores de motivação analisados na seção três. Por fim, na última seção, apresentaremos os resultados e faremos considerações acerca de possíveis desdobramentos da pesquisa.

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

1. NASALIDADE FONOLÓGICA X NASALIDADE FONÉTICA

Câmara Jr. (1970), ao analisar as vogais ditas nasais no PB, chegou à conclusão de que não há tal tipo de vogais nessa língua. A justificativa para essa afirmação reside na comparação com o francês: em PB, diferentemente do francês, não há oposição significativa entre vogais nasais e consoantes nasais, conforme dado pela oposição entre o masculino e feminino do adjetivo “bom”:

A nasalidade pura da vogal não existe, aliás, fonologicamente, porque por meio dela não se cria oposição em português entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal posvocálica. A nossa situação, neste particular, é diversa do francês, onde uma vogal puramente nasal como em /bõ/, escrito bon, se supõe ao feminino /bon/, escrito bonne. (Câmara Jr., 1970: 58 grifo do autor)

O autor propõe, então, que a nasalidade vocálica em português resulta de um processo de assimilação, em que uma vogal oral assimila o traço nasal de alguma consoante nasal adjacente. Nesse ponto, há uma divisão básica entre a nasalidade capaz de opor significado e aquela incapaz de produzir oposição.

Nasalidade fonológica

O primeiro tipo de nasalidade, chamada por ele de fonológica, cria oposição significativa vista em pares mínimos como “fita” x “finta”; “seda” x “senda”; “cata” x “canta”; “cota” x “conta” e “juta” x “junta”. Embora grafematicamente seja representado pela letra <n> (também ocorrendo a letra <m> - antes de <p> e - e <ão>, <õe> e <õe> em final de palavra), não se pode dizer que esse grafema corresponda a uma consoante nasal, porque a articulação de palavras dessa natureza não é como a pronúncia do inglês, ou mesmo do francês, em que esses sons são plenamente articulados. No plano fonético, o que vemos é uma nasalização da vogal (como em [ˈkatɐ], que se opõe a [ˈkãtɐ]). A solução proposta por Câmara Jr. é postular a existência de um arquifonema nasal /N/, resultado do processo de neutralização das consoantes nasais em PB (nomeadamente, /m/, /n/ e /ɲ/). Esse arquifonema, sem articulação definida, seria o gatilho para a assimilação pela vogal, resultando na produção que ouvimos.

A solução bifonêmica (Vogal oral + /N/) apresentada por Câmara Jr. lança mão do processo de neutralização. Na tradição estruturalista (corrente à qual o autor se insere), neutralização é o nome dado ao processo de perda de oposição significativa entre fonemas em um contexto específico. Para citar um exemplo, dizemos que há neutralização entre as vogais médias altas e baixas quando estão em contexto pretônico, o que pode ser demonstrado pelos pares abaixo:

- (3) a. s[ɛ]ca x s[i]ca
 b. f[e]chada ~ f[ɛ]chada
- (4) a. s[ɔ]co x s[o]co
 b. c[ɔ]ração ~ c[o]ração

Em (3), a oposição entre anteriores médias baixas e altas, existente em (a) deixa de existir em (b). Da mesma forma, em (4), a oposição entre posteriores médias baixas e altas, demonstrada em (a), deixa de existir em (b). Isso se dá porque o traço distintivo [baixo] que é ativo no contexto tônico deixa de sê-lo quando a vogal figura em sílaba pretônica.

Aplicando essa explicação ao caso da nasalidade, o que Câmara Jr. advoga é que, em posição de coda, as nasais em PB perdem traços distintivos. Analisando a matriz de traços das consoantes nasais, temos:

(5)	/m/	/n/	/ɲ /
	$\begin{bmatrix} + \textit{soante} \\ + \textit{obstruinte} \\ - \textit{coronal} \\ + \textit{anterior} \\ - \textit{lateral} \\ + \textit{sonoro} \\ + \textit{nasal} \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} + \textit{soante} \\ + \textit{obstruinte} \\ + \textit{coronal} \\ + \textit{anterior} \\ - \textit{lateral} \\ + \textit{sonoro} \\ + \textit{nasal} \end{bmatrix}$	$\begin{bmatrix} + \textit{soante} \\ + \textit{obstruinte} \\ - \textit{coronal} \\ - \textit{anterior} \\ - \textit{lateral} \\ + \textit{sonoro} \\ + \textit{nasal} \end{bmatrix}$

Os traços que distinguem as três consoantes nasais são, precisamente, os traços [coronal] e [anterior]. Esses traços são responsáveis pelos pontos de articulação das consoantes. Com a neutralização, tais traços caem, resultando em um som nasal sem articulação. O traço nasal resultante é responsável por assimilar a vogal anterior, produzindo a pronúncia nasalizada.

Em busca de evidência para essa afirmação, Câmara Jr. apresenta três argumentos: primeiro, não ocorre crase quando há o encontro entre vogal nasal e vogal oral; segundo, depois de vogal nasal, só é encontrada a pronúncia do <r> forte; por fim, não há vogal nasal em hiato no interior de vocábulo. Vejamos cada argumento detalhadamente.

Em primeiro lugar, o autor afirma que não ocorre crase em sândi externo vocálico. Vejamos o exemplo:

- (6) a. casa amarela – [ˈkazamaˈrɛlɐ]
 b. lâ azul – [ˈlã#aˈzuw] (*[ˈlãˈzuw])

Em (6a), o encontro entre duas vogais baixas centrais faz com que uma delas caia, resultando em uma pronúncia degeminada. Já em (6b), o encontro entre a vogal baixa nasalizada e a vogal baixa oral não resulta em degeminação (sendo agramatical a pronúncia apenas com a vogal oral, conforme mostrado). A justificativa para isso reside no fato de que a vogal nasalizada se comporta como vogal travada por sílaba – nesse caso, o arquifonema /N/. Em alguns casos, pode até mesmo haver aquisição de ponto de articulação, como no exemplo abaixo:

- (7) jovem amigo - [ʒɔˈvẽɲaˈmigu]

Nesse exemplo, surge a consoante nasal palatal /ɲ/ como ataque da sílaba inicial da segunda palavra, o que pode ser explicado pelo fato de o arquifonema /N/ ter adquirido os traços [-coronal] e [-anterior], resultando na consoante vista.

O segundo argumento é que depois de vogal nasal apenas a pronúncia do <r> forte (fonema /r̄/) é encontrada. Esse comportamento do rótico é comum a todas as vezes em que esse som aparece após consoante, conforme os exemplos abaixo:

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

- (8) a. Guelra – [ˈgɛwhɐ]
 b. Israel [iʃhaˈɛw]

Sistematicamente, o único contexto em que os fonemas /r/ e /r̄/ se opõem é o contexto intervocálico, pois em momento algum o fonema /r/ (cuja realização fonética é o tepe [ɾ]) ocorre após sílaba com coda travada por consoante. Esse parece ser o caso de palavras como as abaixo:

- (9) a. honra – [ˈõhɐ]
 b. enredo – [ẽˈhedu]
 c. tenro – [ˈtẽhu]

A explicação plausível para tal é a presença de uma consoante travando a sílaba anterior ao rótico – essa consoante é o arquifonema /N/.

Por fim, o último argumento elencado por Câmara Jr. é o fato de não haver hiato em interior de vocábulo quando há uma vogal nasal. Segundo o autor, ou a nasalidade é desfeita, ou “o elemento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte” (Câmara Jr., 1970:58). Os exemplos que o autor dá são os seguintes:

- (10) a. bom – boa
 b. valentão – valentona

Esse argumento trata, basicamente, do resultado de operações morfológicas. Em (10a), temos o processo de flexão de feminino no adjetivo “bom”. Nesse caso, a adição da desinência de feminino –a faz com que haja um hiato (pronúncia [bõ.ɐ]). No entanto, o que acontece é a queda da nasalidade, permitindo que haja a pronúncia ditongada [bow^wa]. Já em (10b), em que ocorre o mesmo processo de flexão, ocorre (além de uma alomorfia de base) o desfazimento da nasalidade, sendo que, nesse caso, o arquifonema /N/ adquira os traços [+coronal] e [+anterior], resultando na consoante nasal alveolar [n].

Nasalidade fonética

Ao lado da nasalidade fonológica, Câmara Jr. aponta um tipo de nasalidade incapaz de opor significado. Ele afirma (1970, 46):

[...] O português, ao lado da nasalidade fonológica, também pode ter essa nasalidade, corrente por assimilação à vogal nasal de uma sílaba seguinte. É preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como de junta, oposto a juta, ou de cinto, oposto a cito, ou de lenda, oposto a leda, e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de ano, ou de cimo, ou de uma, ou de tema etc., em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário à emissão da consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente. Ai, não há oposição entre a vogal nasalada e a vogal, também possível, sem qualquer nasalização. Com a nasalização, ou sem ela, aparecerão sempre as mesmas formas vocabulares, ano, cimo, uma, tema etc.¹

¹ Os exemplos dados pelo autor não são muito adequados, pois, conforme veremos, a nasalização nas palavras apontadas é obrigatória. No entanto, há exemplos mais apropriados que corroboram com sua argumentação, como [bãˈnãɐ] ~ [baˈnanɐ], dentre outros.

Essa nasalidade é chamada por ele de fonética, já que não envolve oposição de significado. O autor não se dedica a explicar o porquê essa variação ocorre, o que é justificável, já que a corrente linguística a que ele se enquadra – estruturalismo – não atentava para produções individuais dos falantes (a *parole* da famosa dicotomia saussuriana *langue x parole*). Não obstante, com o advento dos estudos da Teoria da Variação e Mudança – mais conhecida como Sociolinguística – as motivações por trás das divergentes produções se tornam importantes objetos de investigação. A próxima seção se dedicará a colocar em perspectiva as motivações para a nasalidade fonética, conforme aventadas em Abaurre e Pagotto (2002).

2. FATORES CONDICIONADORES DA NASALIDADE FONÉTICA

Esta seção se dedica a analisar os fatores de condicionamento da nasalidade fonética, conforme apresentados em Abaurre e Pagotto (2002). Buscando preencher uma lacuna nos estudos fonológicos do PB, os autores propõem um estudo quantitativo, baseado em *corpus* de fala, elencando possíveis variáveis independentes, tanto lingüísticas quanto extralingüísticas, apoiando-se na Teoria da Variação e Mudança (Labov, 1972). As variáveis relevantes listadas são: presença de juntura entre o gatilho e o alvo, natureza do *onset*, natureza da consoante que dispara o processo, classe morfológica do vocábulo em que se encontra a nasalização, acento na classe dos verbos, distância do alvo em relação à sílaba tônica, região geográfica do informante e sexo do informante. O *corpus* utilizado é parte do projeto NURC (Norma Urbana Culta), contendo 4.624 dados de nasalidade fonética (assimilação de vogal diante de consoante nasal – conforme exemplo em (1)). Vamos abordar cada um desses fatores, de acordo com a análise dos autores.

Presença de juntura entre o gatilho e o alvo

Esse fator diz respeito a fronteiras morfológicas ou vocabulares. As variantes independentes listadas pelos autores são: (a) juntura morfológica Ex.: v[ã]mos; (b) juntura de palavra Ex.: ess[a] menina; e (c) ausência de juntura (interior de morfema) Ex.: g[ã]nhou. O processamento estatístico dos dados revelou que a juntura de palavra e a juntura morfológica (essa última em menor escala) inibem o processo, enquanto a ausência de juntura se apresenta neutra à nasalização, conforme tabela abaixo²:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Juntura de palavra	17/918	2	.01
Juntura morfológica	41/351	12	.25
Vogal dentro de sufixo	5/20	25	.51
Vogal dentro de raiz	799/1314	61	.58

Tabela 1: Atuação do fator “presença de juntura entre gatilho e alvo”

Os pesos relativos apresentados nos subfatores de juntura (.01 para juntura vocabular e .25 para juntura morfológica) mostram uma forte inibição ao processo, ao

² As tabelas aqui apresentadas nem sempre correspondem exatamente à organização apresentada pelos autores. Aqui aglomeramos subfatores debaixo de cada variável independente, com o fim de facilitar o entendimento.

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

passo que, quando o processo ocorre no interior do morfema (seja raiz ou sufixo), os pesos relativos próximos à linha neutra revelam a transparência à nasalização.

Natureza do *onset*

Esse fator se refere à qual consoante figura no ataque da sílaba em que a vogal é nasalizada. Os subfatores são: consoante nasal, glide, consoante não nasal, consoante nasal em juntura, *onset* vazio, *onset* ramificado, consoante não nasal em juntura e glide em juntura. A tabela 2 abaixo mostra o processamento:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Consoante nasal	270/316	85	.84
Glide	13/20	65	.68
Consoante não nasal	456/1043	44	.44
<i>Onset</i> vazio	50/125	40	.29
<i>Onset</i> ramificado	36/118	31	.26
Consoante nasal em juntura	1/4	25	.33
Consoante não nasal em juntura	10/33	30	.23
Glide em juntura	9/26	35	.22

Tabela 2: Atuação do fator “natureza do *onset*”

A tabela mostra que, por um lado, a presença de uma consoante nasal no *onset* (como em m[ã]nutenção) favorece o processo, enquanto que tanto *onset* vazio ([ã]nualmente) quanto *onset* ramificado (dr[ã]ma) desfavorecem o processo. Um aspecto interessante foi levantado pelos autores quanto à questão dos subfatores nos quais foi levado em conta contextos de juntura. Segundo a descrição da análise, os dados de juntura consideraram apenas casos em que a nasalização ocorreu à esquerda da juntura, como em “os amigos” (produzido [oza'migũ]). Do ponto de vista fonológico, esses casos são de *onset* vazio, e foi notado que os resultados se assemelharam muito aos em que havia realmente *onset* vazio, como [a]nualmente. Daí o questionamento de que a nasalidade em PB possa ser um fenômeno lexical, e não pós-lexical, pois o fator que poderia estar em jogo no resultado encontrado nos casos de juntura de palavra seria o *onset* vazio fonologicamente.

Natureza da consoante que dispara o processo

Esse fator procura verificar se há alguma preferência da consoante nasal para o processo de nasalização. Os resultados encontrados corroboram com essa hipótese, conforme demonstrado pela tabela 3:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Palatal /ɲ/	511/511	100	-
Alveolar /n/	425/607	70	.62
Bilabial /m/	420/1078	39	.43

Tabela 3: Atuação do fator “natureza da consoante que dispara o processo”

A hierarquização que os dados sugerem é clara: quando a consoante é a nasal palatal, é categórica a manifestação do fenômeno; quando o gatilho do processo é o /n/, parece haver um pequeno favorecimento, enquanto a consoante que menos favorece o fenômeno é a bilabial. Diante desses resultados, os autores postulam a hipótese de que, quanto mais posterior é a consoante, mais favorecido é a nasalização.

Classe morfológica do vocábulo em que ocorre a nasalização

Outro fator que os autores levaram em conta é o relacionado à classe de palavras. É sugerido que esse fator seja importante condicionador do fenômeno, conforme mostra a tabela abaixo:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	P. relativo
Verbo	166/268	62	.63
Substantivo	434/797	54	.55
Adjetivo	225/412	55	.49
Advérbio	16/188	9	.21
Outras	4/20	20	.16

Tabela 4: Atuação do fator “classe morfológica do vocábulo em que ocorre a nasalização”

Aqui, podemos distinguir três grupos: por um lado, substantivos e adjetivos parecem ser transparentes ao fenômeno; por outro, verbos parecem favorecer a nasalização; e, por fim, advérbios e outras classes de palavras tendem a inibir a manifestação do fenômeno.

Acento na classe dos verbos

Esse fator diz respeito à posição do acento nos verbos. As possibilidades são três: (1) acento na raiz: ch[ã]mam; (2) acento na vogal temática: cant[ã]mos; (3) acento na desinência: poderí[ã]mos. Os resultados obtidos estão representados na tabela 5:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Acento na raiz	33/54	61	.47
Acento na V.T.	117/187	63	.46
Acento na desinência	17/27	63	.85

Tabela 5: Atuação do fator “acento na classe dos verbos”

O ponto relevante dessa tabela é o aparente favorecimento da nasalização quando o acento no verbo está presente na desinência. No entanto, como os autores pontuam, são necessários estudos mais aprofundados para averiguar o porquê do peso relativo alto desse subfator.

Distância do alvo em relação à sílaba tônica

Os autores mapearam a relação entre a nasalização e a distância da vogal nasalizada em relação à sílaba tônica da palavra. Os resultados são apresentados na tabela 6 abaixo:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Vogal na sílaba tônica	1815/1968	92	.93
TX	33/115	29	.26
XT	490/1072	46	.50
X—T	211/323	65	.58
X — — T	62/110	56	.40
X — — — T	44/57	77	.71
X — — — — T	5/8	63	.64

Tabela 6: Atuação do fator “distância do alvo em relação à sílaba tônica”

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

(T = tônica; X = vogal alvo; — = sílaba entre tônica e alvo)

A partir da análise da tabela, podemos concluir que há um forte condicionamento da nasalização quando a vogal alvo está na sílaba tônica da palavra. No entanto, esse favorecimento cai em contexto pretônico, podendo ser inclusive desfavorecedor no contexto postônico. A peculiaridade apresentada é o valor do peso relativo quando a distância da tônica em relação à vogal passa das três sílabas, contexto no qual a nasalidade parece voltar a ser condicionada. A justificativa dada pelos autores é a possibilidade da presença de acento secundário, que justificaria essa configuração.

Região geográfica do informante

Como os dados foram provenientes do projeto NURC, os falantes eram oriundos das cinco capitais abarcadas pelo projeto: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Os resultados são apresentados na tabela 7:

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Recife	166/227	73	.66
Salvador	190/275	69	.57
Rio de Janeiro	174/295	59	.52
São Paulo	130/239	54	.43
Porto Alegre	139/278	50	.34

Tabela 7: Atuação do fator “região geográfica do informante”

Os dados atestam o que vem sendo dito na literatura linguística sobre o PB desde meados do séc. XX: existe uma diferenciação dos falares do norte em relação aos falares do sul. Essa afirmação parece se confirmar quanto ao fenômeno da nasalidade, pois fica claro que, enquanto os falares do norte tendem a favorecer o fenômeno, os falares do sul tendem a inibir o processo.

Sexo do informante

Os autores afirmam que o sexo do informante não é um fator demasiado importante, mas notam um ligeiro desfavorecimento do processo quanto ao sexo feminino, conforme aponta a tabela 8. No entanto, os autores deixam clara a necessidade de estudos posteriores que tentem explicar essa discrepância no processo de nasalidade em relação ao sexo do falante.

Subfator	Ocorrências	Porcentagem	Peso relativo
Masculino	558/876	64	.54
Feminino	241/438	55	.42

Tabela 8: Atuação do fator “sexo do informante”

3. O ESPALHAMENTO DO TRAÇO [NASAL] – FATORES CONDICIONANTES

Na seção anterior vimos os fatores abarcados por Abaurre e Pagotto (2002) como condicionantes da nasalidade por assimilação, quando o gatilho (consoante nasal) e o alvo (vogal nasalizada) são segmentos adjacentes. No entanto, conforme apresentado na primeira seção desta monografia, ao lado desse fenômeno ocorre um outro, em que não há adjacência segmental (conforme exemplo (2)). Cabe saber, então, se os fatores arrolados pelos autores também condicionam esse fenômeno em particular. De fato, esse é o âmbito

de maior relevância deste trabalho, pois saber a resposta a essa questão pode ser de ajuda para caracterizar a natureza desse espalhamento – se a natureza desse é igual ou não à daquele.

Sobre o *corpus* utilizado

Para o levantamento dos dados, não foi possível utilizar os *corpora* estratificados disponíveis, pois cada um deles apresentou uma limitação em particular: o *corpus* do projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) não disponibiliza os arquivos de áudio, e as transcrições podem não apresentar o fenômeno, por ser demasiado sutil na percepção de fala. Os dados do projeto NURC, utilizado em Abaurre e Pagotto (2002), utiliza dados de fala culta, e, por identificarmos esse fenômeno com falantes não escolarizados, torna-se inviável o seu uso. Por fim, o *corpus* disponível pelo projeto VarPort apresenta poucos dados quantitativos (são vinte e quatro entrevistas com falantes da norma popular) a fim de termos uma quantidade significativa de palavras onde o fenômeno pode se manifestar.

Dessa forma, efetuamos a construção de *corpora* próprio, a partir de duas frentes: primeiro, levantamos dados de escrita colhidos na *internet* que mostrassem evidências de reprodução desse fenômeno fonético-fonológico, pois, conforme afirma Cagliari (1989: 61, *apud* Dias e Ferreira, 2015: 171), “o aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética; os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis, não são ocorrências aleatórias”. O Quadro 1 apresenta as palavras encontradas nesse levantamento (a grafia foi mantida):

indêntico	himbernar
indentidade	inçamento
insenção	íncone
insento	indíoma
intem	ingnorar
convencindo	inconografia
bangunça	indealismo
vingência	indiosincrasia
Vincente	ingnição
mindingo	ingnorado
mingalha	ingnorante
emponderamento	ingnobil
banquenta	inluminismo
consenlho	mortandela
conlônia	hingiênico
indoneo	

Quadro 1: Dados colhidos de páginas na *internet*

A fim de corroborar as evidências encontradas na modalidade escrita, reunimos um *corpus* composto de entrevistas orais, realizadas no primeiro semestre de 2016 com a comunidade de fala dos trabalhadores terceirizados da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No total foram colhidas 10 entrevistas, com cerca de 15 minutos de duração. A metodologia de coleta dos dados seguiu, em certa medida, o modelo sociolinguístico laboviano (LABOV, 1972), dividida em duas partes: primeiro, os falantes eram elicitados a relatar experiências pessoais, construindo uma fala espontânea. Em

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

seguida, eram submetidos a perguntas diretas, cujas respostas continham algumas palavras já encontradas no *corpus* de escrita. O Quadro 2 nos apresenta o perfil socioeconômico dos falantes:

Falante	Sexo	Idade	Escolaridade
D	Feminino	24	Ensino Fundamental incompleto
M.L.	Feminino	51	Ensino Médio completo
A.L.	Masculino	26	Ensino Médio incompleto
B.B.	Feminino	23	Ensino Médio incompleto
M.P.	Feminino	50	Ensino Fundamental incompleto
M.A.	Feminino	37	Ensino Fundamental incompleto
C.A.	Masculino	25	Ensino Fundamental completo
N.S.	Feminino	31	Ensino Médio completo
A.C.	Feminino	53	Ensino Médio incompleto
R.S.	Feminino	21	Ensino Fundamental incompleto

Quadro 2: perfil socioeconômico dos informantes

Como se pode ver, a totalidade dos informantes não é escolarizada (não possui Ensino Superior completo). Essa prerrogativa não é fortuita; partiu da nossa intuição de que esse fenômeno manifestar-se-ia em falantes desse estrato social – seria um caso de variação diastrática³. Por outro lado, as variáveis independentes de sexo e idade foram fortuitas: descenderam das características intrínsecas à comunidade de fala escolhida⁴. Para essa rodada de entrevistas, foram escolhidas 14 palavras passíveis de sofrer nasalização, para constarem nas entrevistas:

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| a. identidade ([ĩ]dentidade) | h. idêntico ([ĩ]dêntico) |
| b. mortadela (mort[ã]dela) | i. mendigo (mend[ĩ]go) |
| c. ignorante ([ĩ]gnorante) | j. idioma ([ĩ]dioma) |
| d. governo (g[õ]verno) | k. Vicente (v[ĩ]cente) |
| e. conselho (cons[ê]lho) | l. bagunça (b[ã]gunça) |
| f. irresponsável ([ĩ]rresponsável) | m. ironia ([ĩ]ronia) |
| g. humilhação ([ũ]milhação) | n. levantar (l[ê]vantar) |

Após a análise dos dados, foram encontradas 70 ocorrências dessas palavras. Desse total, 33 sofreram o processo. A tabela 09 mostra a distribuição das porcentagens de ocorrência:

³ No entanto, foge ao escopo deste trabalho relacionar o espraçamento nasal a questões da Teoria da Variação e Mudança.

⁴ Como continuação da pesquisa, pretendemos ampliar nosso corpus de fala, a fim de contemplar ocorrências encontradas em escrita informal. Intentamos manter o controle sobre a variável independente de escolaridade, tentando diversificar as variáveis de sexo e idade, com falantes da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Dados	Ocorrências / Total	%
identidade	8/10	80,0%
mortadela	4/9	44,4%
ignorante	2/4	50,0%
governo	0/1	0,0%
conselho	0/8	0,0%
irresponsável	4/5	80,0%
humilhação	0/1	0,0%
idêntico	1/5	20,0%
mendigo	9/9	100,0%
idioma	3/4	75,0%
Vicente	0/2	0,0%
bagunça	0/8	0,0%
ironia	1/3	33,3%
levantar	1/1	100,0%

Tabela 09: Distribuição quantitativa dos dados

Alguns pontos interessantes quanto aos dados: em primeiro lugar, notamos a ausência de ocorrência de nasalização nas palavras: governo (g[õ]verno); conselho (cons[ê]lho); humilhação ([ũ]milhação); Vicente (v[ĩ]cente) e bagunça (b[ã]gunça). Por outro lado, em mendigo (mend[ĩ]go), todos os falantes produziram a forma nasalizada, ao lado de identidade ([ĩ]dentidade); irresponsável ([ĩ]rresponsável) e idioma ([ĩ]dioma), que também possuíram altas taxas de nasalização.

Com esses dados em mãos, passaremos a verificar se os fatores condicionantes apontados em Abaurre e Pagotto (2002) se aplicam ao nosso *corpus*.

Sobre o espriamento e os fatores condicionantes

Nesta seção, iremos aplicar os seguintes fatores⁵:

- (I) Inibição do contexto de junтура;
- (II) Inibição de *onset* preenchido;
- (III) Favorecimento de contexto tônico;
- (IV) Favorecimento em relação à natureza do gatilho;
- (V) Favorecimento em relação à classe dos verbos;

Quanto ao primeiro fator, podemos afirmar que, nesse fenômeno em especial, o contexto de junтура não atuou como inibidor, haja vista a grande porcentagem de ocorrências na palavra irresponsável (com a pronúncia [ĩ]rresponsável em 80% dos casos), na qual ocorre o prefixo de negação. Uma observação a ser feita nesse sentido é a possibilidade de que haja um processo de regularização desse prefixo. É sabido que, em palavras iniciadas por consoantes líquidas e nasais, a forma do prefixo /iN/ sofre uma desnasalização, resultando em palavras como “ilegal”, “ilógico”, “irresponsável”,

⁵ Os demais fatores aventados pelos autores não puderam ser testados devido à pouca diversidade das palavras nasalizadas. Para projetos futuros, pretendemos, conforme nota 4, aumentar o *corpus*, aumentando também a quantidade de dados coletados.

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

“imatur”, dentre outros. No entanto, pelo que parece, essa restrição está em processo de mudança, pois, como veremos, diversos dados apareceram em que, mesmo sem a presença de uma consoante para disparar o processo, esse prefixo aparece nasalizado. Ainda assim, se considerarmos os dados de escrita, ocorre nasalização em processos de juntura morfológica com outros afixos, como nas palavras “emp[̃]deramento”, “[̃]çamento” (nas quais o gatilho provavelmente é a consoante bilabial [m] do sufixo -mento), “[̃]dealismo” e “[̃]luminismo” (gatilho /m/ do sufixo -ismo). Por esses motivos podemos concluir que o fator juntura não inibe a nasalização nesse fenômeno em particular.

O segundo fator – *onset* vazio – também não parece inibir o processo, pois, mesmo excluindo os casos do prefixo /iN/, há diversas ocorrências de nasalização em sílabas V e VC, tanto no *corpus* escrito quanto no oral. Nos dados de origem oral, inclusive, as maiores porcentagens de nasalização vieram, na sua maioria, de palavras iniciadas pela vogal /i/. Esse fato é interessante, sendo possível realizar um estudo que se dedique a estudar por que essa vogal apresenta maior número de casos da manifestação do fenômeno.

Quanto ao terceiro fator, não foi possível afirmar se contexto de tonicidade favorece ou inibe o fenômeno, pois, no registro oral, das duas palavras em que a nasalização poderia ocorrer na sílaba tônica (mendigo e conselho), uma apareceu com 100% de ocorrências, enquanto a outra não ocorreu em nenhum dado. O mesmo pode ser dito quanto aos dados de escrita: embora haja palavras nasalizadas no contextoônico, não representam quantitativo suficiente para que seja afirmado algum tipo de influência no processo.

Quanto à natureza do segmento que dispara o processo, percebemos que, diferente do caso abordado por Abaurre e Pagotto (2002), o fenômeno em análise pode apresentar como gatilho, além das consoantes nasais, as vogais nasais. O percentual de ocorrência da nasalidade de acordo com o segmento disparador é o seguinte (de acordo com o *corpus* de fala):

Elemento gatilho	ocorrências	%
ã	1/1	100,0%
ũ	0/8	0,0%
ẽ	18/26	69,2%
õ	4/13	30,8%
m	7/14	50,0%
n	3/8	37,5%

Tabela 10: porcentagem de ocorrências em relação ao elemento gatilho

Percebemos que o percentual de ocorrência com a consoante [n] é menor do que os com a consoante [m], ainda que a diferença seja relativamente pequena. Concluímos, dessa forma, que esse fator não se mostrou determinante na manifestação do processo, pelo menos não da mesma forma que ocorre quando há assimilação por adjacência. Ainda outro ponto interessante é a ausência de dados que envolvessem a consoante palatal como gatilho, uma peculiaridade que poderia ser estudada em trabalhos posteriores. Além disso, a ausência do processo quando o gatilho é a vogal posterior alta e a baixa ocorrência no caso da posterior média também suscita dúvidas dignas de um estudo mais aprofundado.

Por fim, o último fator selecionado para essa análise diz respeito à “preferência” do processo pela classe dos verbos. Embora não possamos, com os dados levantados até o presente, afirmar categoricamente que esse fator é favorecedor do processo, podemos

suspeitar, pois uma peculiaridade foi detectada nas entrevistas: a presença inusitada da forma [ẽ]vantar, não aguardada na produção dos roteiros.

Com base na análise dos *corpora* de fala e escrita, podemos afirmar que os fatores de nasalização apontados em Abaurre & Pagotto (2002) não se aplicam a esse novo fenômeno (pelo menos não na sua totalidade). Essa constatação serve de base para validarmos nossa hipótese inicial, de que esse processo, aqui chamado de espalhamento do traço [nasal], não é da mesma natureza que a nasalização motivada por assimilação com som nasal adjacente. Isso demanda uma outra forma de tratar formalmente esse processo, o que coloca em cheque abordagens fonológicas mais tradicionais. Sobre isso, trataremos na próxima seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos o processo de espalhamento do traço [nasal] no PB. Propomos uma comparação desse processo com a nasalização fonética, abordada na literatura como resultado de assimilação pela presença de uma consoante nasal. Vimos que, quanto aos fatores de motivação arrolados em Abaurre e Pagotto (2002), praticamente nenhum deles se confirmou nos dados de espalhamento (excetuando-se aqueles que não puderam ser testados e a preferência pela classe dos verbos, cuja atuação não pode ser afirmada categoricamente). Isso confirma nossa hipótese inicial, de que esses dois fenômenos são de naturezas distintas.

Cabe agora, portanto, apresentar uma abordagem fonológica que dê conta desse processo. Dados como esses são problemáticos para as teorias fonológicas clássicas (Estruturalismo e Gerativismo), porque ambas trabalham com o princípio da linearidade. Segundo Saussure (2006 [1916]: 84): “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem suas características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha”. Assim, modelos lineares baseiam-se na adjacência a fim de explicar os processos fonológicos, limitando fenômenos desse tipo (nasalização) a casos de assimilação.

Os dados colhidos demonstram a incipiência das teorias lineares no que concerne a casos de espalhamento. Por exemplo, em “[ĩ]dentidade” temos, entre o gatilho da nasalização (a vogal nasalizada [ẽ]) e o alvo (a vogal [i]), a consoante oclusiva alveolar [d]. Além disso, existem casos em que alguns segmentos vocálicos pertencentes ao domínio da nasalização parecem ser transparentes ao processo. Isso se manifesta, por exemplo, em mort[ã]dela, caso em que entre o gatilho – a consoante [m] – e o alvo – a vogal [a] – há a vogal [o] não-nasalizadas. Desenvolvimentos futuros precisarão dar conta desses obstáculos à análise. A utilização de modelos não-lineares (como a Fonologia Autossegmental e a Teoria da Otimalidade) poderão ser ferramentas úteis na descrição fonológica desse processo.

Um fato interessante encontrado durante as entrevistas é a ocorrência da inserção de uma nasalidade sem a presença de nenhum segmento nasal, nas seguintes palavras:

- | | | |
|----------------------------|---------------------------|--------------------------|
| a. irritar ([ĩ]rritar) | e. grafites (gr[ã]nfitis) | i. idiota ([ĩ]diota) |
| b. ilegal ([ĩ]legal) | f. pichar (p[ĩ]char) | j. irada ([ĩ]rada) |
| c. ilícito ([ĩ]lícito) | g. igual ([ĩ]gual) | k. isqueiro ([ĩ]squeiro) |
| d. irregular ([ĩ]rregular) | h. igreja ([ĩ]greja) | |

Assimilação e espraçamento nasais: delimitação e confronto de processos

A motivação por trás desses dados será analisada em pesquisas posteriores. No entanto, podemos considerar a possibilidade de que, em alguns desses casos, haja motivação morfológica (regularização do prefixo *in-*).

Além disso, cabe agora buscar a existência de outros fatores de favorecimento da nasalidade nos contextos aqui apreciados, dado que aqueles apontados em Abaurre & Pagotto (2002) não se aplicaram.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do Português Falado. v. VI. 2. ed.* Campinas: Ed. da Unicamp; FAPESP, 2002. p. 491-515.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

DIAS, J. A. F. R.; FERREIRA, É. P. “Desvios na escrita: projeções fonético-fonológicas ou consequências do sistema ortográfico? O ensino reflexivo da ortografia”. *Caderno de Letras, nº 24*. p. 169-190. 2015.

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 26.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. Colaboradoras: Daniela Oliveira Guimarães e Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SPREADING OF NASALITY IN BRAZILIAN PORTUGUESE: FROM “BÃNÃNAS” TO “MORTANDELAS”

RESUMO: *This article aims to analyze the phenomenon of phonetic nasalization in Brazilian Portuguese, considering, not only the assimilation by a contiguous nasal (as in the prominent syllable of 'mama', 'mana' and 'manha'), but especially the spreading by a nasal sonorant not adjacent (as in 'mortandela' and 'indentidade'). The approach is based on the work of Abaurre & Pagotto (2002), in order to check if the conditions of assimilation and spreading are the same.*

KEY-WORDS: *Phonology, nasalization, phonetic properties.*